

**MAPEAMENTO DO FUTEBOL DE VÁRZEA DE SÃO PAULO (SP): REFLEXÕES
PARA PROCESSOS DE PROTEÇÃO AO PATRIMÔNIO**

Alberto Luiz dos Santos¹

Aira Bonfim²

Enrico Spaggiari³

Aprovado em: 13/08/2022

Resumo: Este artigo busca reconstituir as atividades e etapas do processo de elaboração do projeto de mapeamento do futebol várzea na cidade de São Paulo, encomendado pelo Núcleo de Identificação e Tombamento do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) a fim de reunir subsídios para a identificação de práticas culturais relacionadas ao universo popular varzeano e para a análise de processos administrativos de proteção do patrimônio cultural. Após uma breve contextualização sobre a prática do futebol de várzea e do circuito varzeano de São Paulo, serão apresentados os procedimentos, protocolos e técnicas adotados; os contextos selecionados como “pontos nodais” da pesquisa; os três principais eixos temáticos de análise – campos, acervos/coleções e eventos/projetos/práticas culturais –; alguns relatos e insights da pesquisa etnográfica em um clube específico; por fim, destaca, ainda que de forma incipiente, algumas reflexões, indicadores e possíveis encaminhamentos para subsidiar os processos patrimoniais de proteção ao futebol de várzea. Dentro de um quadro de reconhecimento e valorização do patrimônio do território da cidade de São Paulo, o futebol varzeano identifica-se com processos culturais presentes no cotidiano das camadas populares e periféricas inerentes à construção das identidades sociais e ao direito à cidade.

Palavras-chave: Mapeamento. Futebol de Várzea. Patrimônio. MetrÓpole. Cultura Popular.

*MAPPING OF AMATEUR FOOTBALL IN SÃO PAULO (SP): REFLECTIONS ON HERITAGE
PROTECTION PROCESSES*

Abstract: The article aims to reconstitute the activities and stages of the process of elaboration of the project of mapping the amateur football in the city of São Paulo, commissioned by the

¹ Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Membro da Rede Paulista de Educação Patrimonial (REPEP) e do Grupo de Pesquisa Patrimônio, Espaço e Memória, vinculado ao Labor/FFLCH/USP (CNPq). E-mail: albertosantos@alumni.usp.br ORCID:0000-0001-6657-4806.

² Mestra em História Social pela FGV. Fez parte da equipe de implantação do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), em 2011, no Museu do Futebol, onde atuou até 2018 como pesquisadora e, depois, curadora. Trabalha como consultora para entidades culturais e de preservação do patrimônio, bem como no diálogo entre a universidade e as redes populares de articulação e protagonismo no futebol. E-mail: airafbonfim@gmail.com. ORCID: 0000-0002-3192-9168

³ Mestre e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Membro do Grupo de Estudos em Antropologia da Cidade (GEAC-USP), LabNAU (Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana-USP) e do LUDENS - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (USP). Fundador e editor do Site Ludopédio. E-mail: enricospaggiari@gmail.com. ORCID: 0000-0002-7078-3827

Nucleus of Identification and Tombamento of the Department of Historical Heritage (DPH) in order to gather subsidies for the identification of practices related to the football popular universe and for the analysis of administrative processes for the protection of cultural heritage. After a brief contextualization of the São Paulo amateur football circuit, the following will be presented: the procedures, protocols and techniques adopted; the contexts selected as “nodal points” of the research; the three main thematic axes of analysis – fields, collections/collections and events/projects/cultural practices –; some reports and insights from ethnographic research in a specific club. Finally, it highlights, albeit in an incipient way, some reflections, indicators and possible referrals to subsidize the heritage processes for the protection of amateur football. Within a framework of recognition and appreciation of the heritage of the territory of the city of São Paulo, amateur football is identified with cultural processes present in the daily life of popular and peripheral layers inherent to the construction of social identities and the right to the city.

Keywords: Mapping. Amateur Football. Heritage. Metropolis. Popular Culture.

MAPEO DEL FÚTBOL AMATEUR EN SÃO PAULO (SP): REFLEXIONES SOBRE LOS PROCESOS DE PROTECCIÓN DEL PATRIMONIO

Resumen: El artículo busca reconstituir las actividades y etapas del proceso de elaboración del proyecto de cartografía del fútbol amateur en la ciudad de São Paulo, encargado por el Centro de Identificación y Tombamento del Departamento del Patrimonio Histórico (DPH) con el fin de recaudar subsidios para la identificación de prácticas relacionadas con el universo popular del fútbol y para el análisis de procesos administrativos para la protección del patrimonio cultural. Después de una breve contextualización sobre el circuito de fútbol amateur en São Paulo, se presentarán los procedimientos, protocolos y técnicas adoptadas; los contextos seleccionados como “puntos nodales” de la investigación; los tres grandes ejes temáticos de análisis –campos, colecciones/colecciones y eventos/proyectos/prácticas culturales–; algunos informes y puntos de vista de la investigación etnográfica en un club específico. Finalmente, destaca, aunque de forma incipiente, algunas reflexiones, indicadores y posibles referencias para subvencionar los procesos patrimoniales de protección del fútbol amateur. En un marco de reconocimiento y valorización del patrimonio del territorio de la ciudad de São Paulo, el fútbol amateur se identifica con procesos culturales presentes en el cotidiano de capas populares y periféricas inherentes a la construcción de identidades sociales y del derecho a la ciudad.

Palabras-clave: Mapeo. Fútbol Amateur. Patrimonio. Metròpoli. Cultura Popular.

INTRODUÇÃO

Fundado pelos operários da antiga Companhia Vidraria, o Santa Marina Atlético Clube completou recentemente 108 anos de existência - um dos mais antigos clubes amadores da cidade. Localizado no bairro da Água Branca, zona Oeste de São Paulo, é um dos espaços que resiste às transformações de uma região que perde sua paisagem industrial e passa a ser alvo do processo crescente de especulação imobiliária.

Ao seu lado fica a antiga fábrica, hoje pertencente à multinacional Saint-Gobain, que teve parte de sua estrutura tombada enquanto patrimônio histórico, em 2009, pela Prefeitura de São Paulo. A relação entre a multinacional e o SMAC é marcada por

tensões e disputas, que já resultaram na perda de quase metade da área do clube. Apesar das perdas e reformulações, o espaço segue sendo referência para prática do futebol de várzea e também para a sociabilidade e memória da cidade. Atualmente, o Santa Marina está sob ameaça de despejo, após o pedido de reintegração de posse feito pela Saint-Gobain.

Em 2021, diante do caso do Santa Marina e de um contexto marcado por reiteradas ameaças aos espaços urbanos associados à prática do futebol popular, o Núcleo de Identificação e Tombamento do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) encomendou a realização de um mapeamento do futebol de várzea na cidade de São Paulo a fim de reunir subsídios para a identificação de práticas culturais na cidade de São Paulo relacionadas ao futebol de várzea e para a análise de processos administrativos de proteção do patrimônio cultural. Com este objetivo, foi formada uma equipe de pesquisadoras e pesquisadores de três áreas – Antropologia, Geografia e História – responsável pela elaboração dos procedimentos metodológicos, coleta de dados e produção do relatório analítico.

Os eixos previstos e delineados pelo Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) colocavam o desafio de fazer o levantamento, categorização e mapeamento georreferenciado de agentes e locais que permeiam as dinâmicas históricas e contemporâneas do circuito varzeano em São Paulo,⁴ bem como de outros aspectos relevantes relacionados ao campo do patrimônio cultural. Este primeiro esforço de seleção de casos – o que chamamos de pontos nodais - e de interpretação, ainda que esteja aberto às inúmeras controvérsias desse campo, apresenta escolhas representativas do fenômeno pesquisado, contemplando suas permanências e efemeridades.⁵

⁴ Aqui entendido a partir da ideia de um circuito proposta por Magnani (2005), pois reúne um conjunto práticas, serviços, espaços e equipamentos por onde circulam pessoas e grupos que, a despeito suas experiências singulares, produzem pertencimentos e identidades, mesmo não se conhecendo e frequentando lugares dispersos pela cidade.

⁵ Além disso, cabe ressaltar que, frente às alterações na organização das atividades dos clubes sociais e agremiações varzeanas ao longo do contexto pandêmico que se estendeu de março de 2020 até o momento de realização da pesquisa, optou-se por trabalhar, principalmente para os mapeamentos georreferenciados, com dados relativos ao ano de 2019, período anterior à interrupção das práticas cotidianas observada durante o período mais rígido da quarentena. Contudo, algumas situações e dinâmicas puderam ser atualizadas com dados coletados a partir dos contatos travados com interlocutores ao longo de novembro e dezembro de 2021.

Este artigo busca reconstituir as atividades e etapas do processo de elaboração do mapeamento do futebol varzeano de São Paulo. Após uma breve contextualização sobre a prática do futebol de várzea e do circuito varzeano de São Paulo, serão apresentados os procedimentos, protocolos e técnicas adotados; os contextos varzeanos selecionados como “pontos nodais” da pesquisa; os três principais eixos temáticos de análise – campos, acervos/coleções e eventos/projetos/práticas culturais –; e alguns insights e resultados da pesquisa etnográfica realizada no clube Santa Marina. Por fim, o artigo reúne, ainda que de forma incipiente, algumas reflexões, indicadores e possíveis encaminhamentos para subsidiar os processos patrimoniais de proteção ao “futebol de várzea”.

FUTEBOL DE VÁRZEA

Os caminhos para elucidar a grande inserção do futebol no cotidiano da população brasileira são desafiadores. Quando o assunto é esporte, no Brasil, narrativas hierárquicas seguem sendo reproduzidas como modo de legitimar a noção consagrada do “país do futebol”: o esporte mais praticado, o mais popularizado, o mais aclamado, aquele que mobiliza o maior número de torcedores/as e entusiastas.

Não há dúvidas de que tal posição possa ser legitimada, sobretudo quando se aportam metodologias quantitativas. Também nos parece legítimo afirmar que essa condição seja fruto do avanço da indústria do futebol no século XX, articulada às entidades nacionais e internacionais (confederações, federações, ligas,), projetando sua representação enquanto mercadoria a ser consumida: o futebol *espetáculo*⁶.

Mas, quais elementos nos permitem afirmar essa predominância enquanto prática, no território brasileiro? A adoção do termo no plural - os *futebóis* -, que tem sido trabalhada nesta seara, é frutífera para responder à questão⁷. Assumir os *futebóis*,

⁶ Segundo Debord (1997), o espetáculo é uma alienação fabricada. Reproduz-se no contexto do capitalismo do século XX em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social, instaurando o vivido como representação. A indústria e o consumo do futebol podem ser, nessa chave, relacionados às pseudonecessidades de que trata o autor, que fazem o tempo das coisas se impor como nova face do tempo e o espaço ser refeito como cenário. Para além dos diálogos possíveis com o autor e uma discussão mais aprofundada sobre o futebol espetáculo, ver Damo (2005) e Ribeiro (2021).

⁷ O debate sobre os *futebóis*, na seara de estudos do futebol brasileiro parte da referência de Damo (2005).

oriundos de diferentes matrizes e conformando diferentes circuitos⁸, assenta sua diversidade no que concerne aos modos de jogar, lugares e lógicas de organização. Ademais, permite superar o entendimento do futebol enquanto esporte, avançando ao reconhecimento das múltiplas referências culturais que têm o futebol como mote⁹.

Nessa chave, situar o *futebol de várzea* como uma dentre as diversas expressões dos futebolis no território brasileiro é um primeiro passo para elucidar essa vertente a quem não tenha vivência e familiaridade¹⁰. O segundo é posicionar o *futebol de várzea* no conjunto dos futebolis que se consolidaram, historicamente, de modo contra - hegemônico frente ao futebol espetáculo. (RIBEIRO e SPAGGIARI, 2022)¹¹

Contextualizar a consolidação desta hegemonia no Brasil é uma tarefa de difícil precisão, sendo uma possibilidade potente partir de contingências espaço-temporais. Grosso modo, trata-se de identificar, em diferentes cidades e regiões, o advento da prática futebolística, a fundação de clubes e entidades, a oficialização de regulamentos, a profissionalização dos atletas e a capitalização do esporte. Considerando esse conjunto é possível apreender, como faz Ribeiro (2021), as balizas temporais que fundamentaram um circuito de futebol dominante, formado por uma elite de clubes controladores das entidades diretivas.¹² Circuito que passou a projetar seus interesses, além de instaurar limites à participação de times e clubes em suas competições, assumindo uma posição de superioridade a partir de premissas socioeconômicas, raciais e de gênero.

Em síntese, essa cisão excludente se desdobrou no contexto seminal do futebol em diversas cidades brasileiras, sendo fundante para compreender o advento do *futebol amador*, enquanto prática contra - hegemônica (RIBEIRO, 2021). A expansão do futebol

⁸ A partir da noção de circuito proposta por Magnani (2005), apresentada na nota 4, as matrizes dos futebolis (espetacularizada, comunitária, bricolada e escolar), propostas por Damo (2005), passaram a ser mobilizadas enquanto circuitos, como mostram os trabalhos de Myskiw (2012) e Damo (2018). Para aprofundamento da questão, ver Ribeiro (2021).

⁹ O conceito de referências culturais nessa discussão toma como referência o sistema normativo de proteção ao patrimônio (IPHAN 2000 e 2016). A partir das categorias de referências (lugares, saberes, objetos, celebrações e formas de expressão) é possível vincular múltiplas práticas e significados que envolvem os futebolis. Sobre o tema ver Santos (2021).

¹⁰ Sobre tais vertentes e outras modalidades esportivas a partir do futebol ver Ribeiro e Spaggiari (2022).

¹¹ Tais autores enfatizam uma naturalização, na sociedade, que vincula o termo futebol prioritariamente ao *esporte profissional masculino e adulto*, aquele organizado por regulamentos pré-definidos institucionalmente, aparatado por estruturas clubísticas dominantes e elevados investimentos econômicos.

¹² Na discussão, o autor enfoca a cidade de Belo Horizonte (MG).

amador se deu por percursos também variados: o futebol gestado em clubes (sejam os populares ou os mais elitizados), o futebol de fábrica (associado às estruturas industriais e aos ciclos de trabalho) e o futebol em campos auto-organizados (espraiados pelos bairros urbanos e rurais, populares em sua maioria), permitem dimensionar sua ascensão e consolidação, sendo premente destacar que o futebol amador sempre projetou um sistema organizativo e de regulamentos cuja referência foi o circuito dominante, contando com inúmeras entidades diretivas de variados portes.

Para além dos lugares e formas de organização, este amadorismo foi pautado pela não profissionalização, ainda que a possibilidade de ascensão pelas experiências formativas amadoras esteja imbricada à história da vertente. Destacam-se, ainda, os fluxos econômicos do futebol amador, que mesmo incipientes envolvem patrocínios, eventos, materiais e, em muitos casos, a remuneração de jogadores.

A depender de significados locais e regionais, a denominação deste *futebol amador* se confunde com o *futebol de várzea*. São encontros e desencontros: ora entendidos como sinônimos, ora diferenciados pelo entendimento de haverem, num ou noutro, um conjunto de singularidades.

Para além de remeter à noção geográfica de localização, ou seja, de ter sido gestado nos campos auto-construídos nos meandros dos rios e suas adjacências, o termo *futebol de várzea* remete a um circuito de reconhecimento mútuo entre sujeitos, grupos, times, clubes populares, torcedores e entusiastas. Trata-se de uma demarcação social e espacial: popular e majoritariamente periférica, realizada por pessoas alijadas de seus direitos, desde o lazer e à prática esportiva, ao direito à cidade em sentido amplo¹³. O que não eximiu a histórica pujança da festa, da música, dos acervos de memória, dos modos de torcer, dentre tantas referências culturais articuladas aos campos de várzea, que conferem aos grupos de varzeanos/as um denso sentido afetivo de pertencimento.

Em muitas cidades brasileiras, essa breve descrição do futebol de várzea poderia ser simplesmente projetada como sinônimo de futebol amador. Noutras, o termo “várzea” - que surgiu dos primórdios da prática em cidades como São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte -, é pouco corrente ou nem mesmo reconhecido. Há, ainda,

¹³ Sobre o tema ver Lefebvre (1991).

outras denominações, como o *peladão*, de Manaus e Cuiabá, que expressam os arranjos de futebol contra - hegemônico e representativo das culturas populares¹⁴.

Cumprir destacar que nos (des) encontros entre o uso dos termos, ocorrem situações em que o futebol amador é associado a uma dimensão mais bem estruturada, disciplina e aparatada economicamente em relação ao futebol varzeano. Nesses casos, não raro, a ideia de várzea passa a ter conotação pejorativa e a de futebol amador se descola de suas bases populares. Reconhecendo ser uma questão semântica e que, portanto, envolve um sem número de subjetividades locais e regionais, cumpre enfatizar no futebol de várzea paulistano, motivador da pesquisa que é o enfoque deste artigo.

FUTEBOL DE VÁRZEA EM SÃO PAULO (SP)

Entre as nascentes de Paranapiacaba, o campo do Lira Serrano Athletic Club (atualmente inativo), situado na vila de mesmo nome, em Santo André (SP), é expressivo da história do futebol em São Paulo e, articuladamente, na Região Metropolitana, demarcando contradições e enfatizando narrativas. Um conjunto de estudos o situa, inclusive, como primeiro estádio de futebol do Brasil¹⁵. Mais um dentre os esboços, sempre inconclusos, de delimitação espaço-temporais do jogo que viria a se tornar febre, viria a se tornar esporte.¹⁶ Inaugurado em 1894, seu “auge” envolveu competições regionais no ABC, principalmente a Vila de Campo Grande e Rio Grande da Serra, além de outros povoados-estações¹⁷ da região, bem como da capital paulista.

A despeito da atribuição do título de pioneiro, sua materialidade¹⁸ persistente - ainda que estágio de deterioração -, é reveladora da sociabilidade de vilas operárias, uma prática que seria recorrente em todas as regiões de São Paulo, nas décadas posteriores: o jogo de futebol atrelado ao cotidiano de trabalho industrial e ferroviário.

¹⁴ Segundo Ribeiro e Spaggiari (2022): “É por identificar uma similaridade entre os perfis socioeconômicos dos envolvidos com a prática, entre a localização geográfica de seus campos de jogo e entre seus valores e modos de fazer, que se aproximam de uma variedade de outras expressões culturais, que propomos a categoria “popular” para unificar essa diversidade de vivências futebolísticas que ganham as mais variadas nomenclaturas pelo país”.

¹⁵ Sobre o tema ver Inventário de Referências Culturais da Região em Brasil Restauro (2020).

¹⁶ Sobre a “febre do futebol” e sua reverberação em São Paulo (SP) ver Seabra (2003). Sobre a transformação do jogo em esporte, a partir de processos em São Paulo (SP) ver Gonçalves (2011).

¹⁷ Sobre os povoados-estações nas ferrovias de São Paulo e Região Metropolitana ver Pereira (2005).

¹⁸ O campo está inserido no perímetro de tombamento da Vila de Paranapiacaba pelo IPHAN (2008).

Se os eixos ferroviários-industriais, os fluxos imigratórios e a formação de bairros operários são bases para demarcar o advento do futebol em São Paulo (SP) e cidades vizinhas¹⁹, é premente pontuar que a pujança jogu e as sociabilidades atreladas ganhariam ainda mais potência em outro circuito impulsionado pela urbanização, ora apartado, ora simultâneo ao circuito das fábricas e associativismo imigrante.

Como dito, o exemplo do Lira Serrano, time desdobrado do Clube União Lira Serrano, na “vila inglesa” de Paranapiacaba, próximo à Estação, exemplifica um dentre muitos casos do futebol ascendente pelas levas de imigrantes trabalhadores. Destaque que tais práticas se entremearam também, em clubes elitizados já existentes (não situados em vilas operárias e onde não havia, até então, a prática do futebol). Nesses arranjos, as continuidades e rupturas entre o amadorismo e o circuito dominante, conforme supracitado, foi se revelando em São Paulo (SP) e região.

Mas para compreender a multiplicação do jogu em São Paulo (SP) é preciso demarcar as várzeas. Como as dos rios Tamandateí e Tietê, para onde afluem as águas das nascentes citadas e de tantas outras da bacia. Nos meandros desta rede hidrográfica, se adensavam as águas, os sedimentos e os atoleiros. Também surgiam as marcas à cal e as balizas. Gols improvisados, *onze contra onze* se multiplicando no percurso. Isso por que, nos rumos dessas águas se conformavam os adensamentos populacionais populares: o morar das pessoas mais pobres, em grande parte excluída das oportunidades aventadas pelo trabalho na indústria, principalmente negros e negras.

Trata-se dos vazios urbanos ainda não loteados ou em curso, abarcados pela força auto-construtiva das famílias, garantidoras da moradia, ainda que em muito precárias e espoliadas²⁰. Vazios urbanos em grande parte situados, justamente, nos meandros, com os terrenos mais baratos ou nem mesmo incorporados à área urbanizada.

A cidade de São Paulo (SP) explodia²¹, tornando-se contígua aos aglomerados urbanos vizinhos, alcançando as margens destes rios, por vezes os canalizando. Uma explosão articuladora de histórias de vida e referências culturais múltiplas: pessoas

¹⁹ Sobre o tema ver Mascarenhas de Jesus (2002), Antunes (1994), Seabra (2003).

²⁰ Sobre o tema ver Kowarick (1979).

²¹ Sobre o processo de implosão-explosão da cidade, a partir da industrialização ver Lefebvre (2001).

advindas de cidades do interior, de outros Estados e também estrangeiras. A força deste encruzamento explodiu a várzea enquanto identidade, associativismo e fazer coletivo. Tem um proceder que se formou nessa dinâmica: identidades, afetos e memórias. Um ensejo significativo da festa futebolística²² a cidade que se tornava metrópole.

As várzeas dos rios foram os principais eixos da São Paulo voltada ao automóvel. No bojo equívoco rodoviário, um dos indutores de uma expansão violenta, demarcada social e racialmente: o padrão periférico de crescimento em seus momentos iniciais²³. Em todas as direções onde essa autoconstrução do morar se expandiu, o futebol como obra coletiva foi potente e se multiplicou²⁴.

Por *autoconstrução do morar*, entendemos, os movimentos e assentamentos de famílias segregadas da cidade que se queria moderna. Famílias alijadas do então centro, expulsas pelo pacto capital-Estado: leis urbanísticas de cunho sanitário e racista aliadas e uma provisão privada do morar que não abarcava a demanda por moradia. Uma conviência estratégica, de pactuar com o crescimento da cidade “ilegal” para, posteriormente, incorporá-la com políticas públicas mínimas e insuficientes²⁵.

Assim, o futebol de várzea de São Paulo deve ser entendido, também, como futebol de vertente, morro, alagado, quebrada, favela, beco, vila... Sempre foi, sobretudo, popular e atrelado à vida de bairro. Destes arranjos comunitários floresceu e segue florescendo o fazer coletivo realizador da festa varzeana: apropriação do espaço, autoconstrução de campos e diversas ordens de agenciamentos organizativos para eventos e competições, envolvendo negociações políticas com entes privados e públicos. Um futebol de várzea sempre vinculado à abnegação²⁶ de varzeanos e varzeanas, entregues à viabilização de todo um circuito, até hoje pulsante.

É premente pontuar a fragmentação da vida de bairro, no contexto da estruturação de São Paulo como metrópole, marcado pela reprodução do espaço e pela raridade espacial, deflagrada pelas estratégias de valorização, especulação e incorporação imobiliária pós década de 1970²⁷. Contexto de intensificação das grandes

²² Sobre o tema ver Seabra (2003).

²³ Sobre o tema ver Raimundo (2017).

²⁴ Sobre o tema ver Santos (2021).

²⁵ Sobre o tema ver Manente (2001)

²⁶ Sobre o tema ver Favero (2019).

²⁷ Sobre o tema ver Carlos (2001)

obras infra-estruturais e demandas por serviços públicos que, junto ao retalhamento do espaço como mercadoria, levou ao desaparecimento de inúmeros campos varzeanos²⁸.

Para além da materialidade dos campos, o contexto foi também tolhedor de múltiplas formas de sociabilidade e associativismo, como o caso dos clubes populares e times varzeanos, diante do avanço do cotidiano programado para o consumo, do lazer transformado em entretenimento e espetáculo. Contudo, um olhar dialético é imprescindível para compreender as contrapartidas deste processo, aquilo que as culturas populares realizaram à revelia dos determinantes da metrópole capitalista.

A manutenção da efervescência varzeana é um processo emblemático e significativo. Se as relações de vizinhança, sociabilidade e associativismo se tornaram rarefeitas nos antigos bairros populares, o que poderíamos chamar de “várzeas iniciais”, pensando no circuito desta vertente futebolística, elas foram recriadas, continuamente, no território periférico em expansão, em novos encruzamentos de pessoas, famílias e comunidades.²⁹

Os campos de futebol de várzea são referências culturais para as pessoas neste movimento do morar nem sempre intencional e não menos violento e segregador. Campos que são o suporte material e simbólico do encontro semanal, do fortalecimento de laços comunitários e dos fazeres coletivos. Sejam aqueles que “resistiram”, a partir de cultura política organizativa e das variadas formas de negociações, onde o calendário de usos, jogos, eventos e competições se intensificou profundamente. Sejam aqueles que, enquanto obra coletiva, foram – e seguem sendo - autoconstruídos em contextos mais recentes. Uma permanência que, sem dúvida, teve na instauração de formas de administração pública de campos e clubes municipais³⁰ um trunfo.

Assim, segue a várzea de São Paulo (SP): milhares de boleiros/as na prática do jogo, milhares de torcedores/as em seus diferentes modos de proporcionar e vivenciar a festa, centenas (e quiçá milhares também) de pessoas diretamente envolvidas nas atribuições dos numerosos jogos (amistosos, festivais e copas, em diferentes

²⁸ Para estimativas quantitativas sobre os campos varzeanos no contexto de tais mudanças ver CONDEPHAAT (1994) e Santos (2021).

²⁹ Sobre o tema ver Spaggiari (2016).

³⁰ Trata-se dos antigos Clubes Desportivos Municipais (CDMs), atuais Clubes da Comunidade (CDCs), Centros Esportivos (já denominados “Clubes Escola”, em determinado período) e dos Centros Educacionais Unificados (CEUs), que possuem campos inseridos no calendário varzeano.

categorias), espalhados pela metrópole a cada semana, principalmente nas periferias. Pessoas que organizam a agenda, a equipe, os deslocamentos, as estruturas, os fardamentos e tudo o mais que viabiliza o jogo varzeano, mesmo que tal arranjo se dê no limite do possível, em termos de investidas econômicas. Que organizam, também, a festa e o encontro, pois para além do jogo e torcida, há a comida de bar e de churrasqueira, a resenha de antigas e renovadas amizades, os grupos em comunhão descontraída e, também, em rivalidade. Há a música, ritmando o ambiente futebolístico, entre discotecagens e fazeres musicais, principalmente as rodas de samba e batucadas. Entre arquibancadas, alambrados e terra batida, a brincadeira das crianças se atrela à sua formação no futebol. E para o assentamento e renovação desses arranjos, há os acervos nos campos (materiais impressos, registros fotográficos e audiovisuais, troféus, uniformes) como expressão de memórias em constante diálogo e compartilhamento.

Apresentamos, na seção a seguir, o percurso metodológico do estudo e os eixos temáticos elaborados para apreender esse circuito e tecer interpretações sobre a várzea paulistana a partir de um conjunto de pontos nodais representativos.

PERCURSO METODOLÓGICO

Um dos desafios da pesquisa foi olhar para o futebol de várzea paulistano em uma dupla perspectiva, sincrônica e diacrônica, articulando diferentes metodologias (procedimentos, protocolos e técnicas), como levantamento de dados, mapeamento georreferenciado, pesquisa etnográfica e compilação das referências bibliográficas.

O levantamento de dados buscou, como ponto de partida, dialogar com uma vasta bibliografia acadêmica (livros, teses, dissertações, artigos) de diferentes áreas das Ciências Humanas (História, Geografia, Sociologia e Antropologia), bem como com a produção de registros históricos e etnográficos do Centro de Referência do Museu do Futebol (CRFB), setor responsável por pesquisar e documentar diferentes expressões do futebol no Brasil, por meio de projetos próprios ou em parceria com universidades, centros de pesquisa ou pesquisadores individuais, com vistas à constituição do acervo do Museu do Futebol.

Com base neste conjunto de produções bibliográficas – acadêmicas e não acadêmicas -, bem como na atuação dos/as autores/as deste artigo, que vêm se

dedicando aos estudos sobre outras expressões futebolísticas não espetacularizadas em suas pesquisas e trabalhos individuais em diferentes áreas (Antropologia, Geografia e História), sete contextos varzeanos paulistanos foram selecionados como “pontos nodais”, ou seja, referências iniciais do processo de levantamento de dados, trabalho de campo e mapeamento georreferenciado: Santa Marina Atlético Clube, Pioneer Football Club, Negritude Futebol Clube, Grêmio Botafogo de Guaianases, Centro Esportivo Oswaldo Brandão, Campo da Xurupita e CDC Parque Taipas, Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte.

Não cabe aqui fazer uma descrição, mesmo que breve, destes clubes, associações e espaços varzeanos, mas sim destacar que os exemplos escolhidos apresentam em comum o amplo reconhecimento do público varzeano e ressonância das pessoas que fazem parte desse circuito. Esta pequena amostra representativa, que não busca reconstituir a totalidade do circuito varzeano de São Paulo (SP), é capaz de gerar reflexões sobre o espaço público, suscitando reivindicações pela formulação de políticas mais inclusivas e abrangentes no âmbito do patrimônio, do lazer e da cultura.

De maneira mais crítica, os futebolis representados pelos pontos nodais escolhidos são importantes na demonstração da ação de destruição e reconstrução das cidades contemporâneas, como já bem problematizado pelo geógrafo Gilmar Mascarenhas (2019). O pesquisador demonstra que os estádios e campos (suportes materiais dessa prática esportiva) passam por transformações consecutivas, tendo em vista demandas e possibilidades direcionadas para o mercado imobiliário e especulativo.

Nesse sentido, os endereços físicos contemplados nessa pesquisa são exemplificações de "um espaço residual para o futebol de várzea" como bem definido por Scifoni (2013), resultantes da urbanização nas últimas décadas. A autora, membra da equipe do estudo de tombamento do Parque do Povo (SÃO PAULO, 1994), afirma que tal normativa acarretou no reconhecimento do futebol de várzea como uma prática social, ligada à dimensão do lazer e da sociabilidade, assim como, do lugar que serviu historicamente de suporte material para o desenvolvimento dessa atividade cultural. Essa definição de Scifoni corrobora com uma proposta, ainda incipiente no Brasil, de um desenho híbrido de preservação - material e imaterial - que pode ser elucidada a partir dos lugares de atividades dos clubes de futebol varzeanos, conforme será aprofundado na próxima seção deste artigo.

A justificativa que evoca essa materialidade é também elaborada por Magnani e Morgado (1996) ao acrescentar que um dos principais argumentos para a patrimonialização do futebol de várzea relaciona-se com a manutenção de uma área verde e da qualidade ambiental de um bairro, atrelada ao entendimento da concepção do lazer como um direito social, sendo considerado importante preservar os espaços nos quais ocorriam (e ocorrem) práticas esportivas e recreativas. Soma-se a esse argumento uma distensão relativamente recente - pós-colonial - da atuação do Estado sobre o patrimônio não-consagrado, intrínseco às culturas populares, indígenas e afro-brasileiras. Nesse aspecto, esse "patrimônio varzeano" articula-se com representações periféricas, populares e com identificações entre minorias, identidades sociais que notadamente buscam maiores equiparidades entre os objetos, lugares, práticas e demais processos passíveis de proteção.

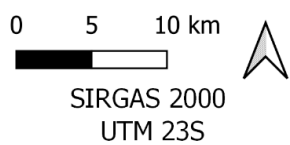
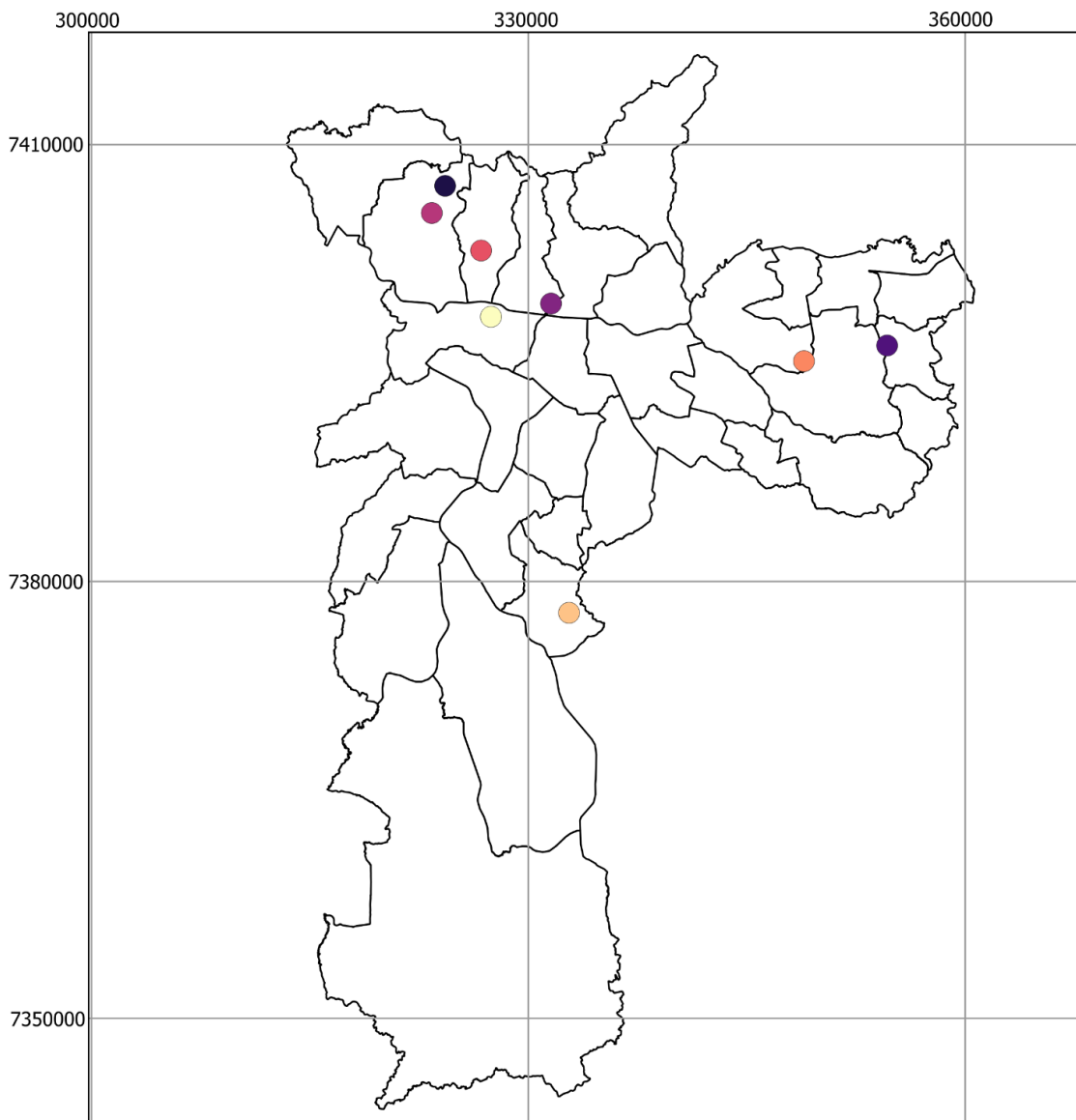
No que concerne ao futebol de várzea, a imaterialidade dessa prática, para além das suas "formas de jogar", traduzem o que Ribeiro (2017, 2018) defende para o futebol varzeano como uma atividade esportiva e de lazer que produz laços sociais, cria vínculos de pertencimento e fortalece a valorização do território. Nesse sentido, o conjunto de características que envolvem essa prática de futebol nos provocam a compreendê-lo como um patrimônio dinâmico, afetivo, comunitário e um enorme potencial para produzir efeitos nos sujeitos envolvidos nessa interação, como sugerido por Teixeira da Silva e Silva (2020). Assim, tais imaterialidades, entrecruzadas, advém do jogo, assim como das práticas e significados relacionados ao torcer, aos fazeres musicais, ao deslocar pela metrópole, ao encontrar semanalmente (comer, beber, confraternizar, "resenhar"), entre outros arranjos abordados ao longo do estudo.

Portanto, os pontos nodais escolhidos (Mapa 1), atendem a critérios que privilegiam exemplos de atividades do futebol varzeano em todas as regiões da metrópole, com diferenças e similaridades, representantes de épocas distintas, além de existentes (e resistentes) na cena contemporânea ocupada por esse esporte. Sabemos, contudo, que o desdobramento para uma possível patrimonialização demanda a viabilização de processos participativos junto aos grupos envolvidos e frequentadores destes pontos nodais no cotidiano. Tais possibilidades são aprofundadas na próxima seção.

De forma paralela aos levantamento envolvendo os pontos nodais, foi realizada uma pesquisa etnográfica³¹ em um destes pontos, o Santa Marina Atlético Clube, que revelou a multiplicidade de narrativas, memórias e controvérsias que conferem sentido à existência e às transformações de um clube com 108 anos de história - o mais antigo em atividade na cidade – e que apresenta uma notável centralidade na região em que está inserido, tanto no que se refere ao entorno quanto na relação com outros equipamentos da metrópole.

³¹ Metodologia que, por excelência, ampara a produção de conhecimento da Antropologia, ciência que procura compreender as diferentes formas de dar sentido e viver o mundo, expressas a partir das relações de alteridade e dinâmicas de estranhamento e familiaridade vivenciadas por pesquisadores e interlocutores no momento da pesquisa. Como aponta José Guilherme Magnani, “(...) a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente” (Magnani, 2009, p.135).

Mapa 1: Futebol de várzea de São Paulo (SP) - Pontos nodais da pesquisa



Pontos nodais

- Campo do Parque Taipas (CDC) - Distrito do Jaraguá
- Botafogo FC (CEU Jambeiro) - Distrito de Guaianazes
- Campo de Marte - Distrito da Casa Verde
- Campo do Xurupita - Distrito do Jaraguá
- Centro Esportivo Oswaldo Brandão - Distrito da Brasilândia
- Negritude FC (CDC Alvorada) - Distrito de Artur Alvim
- Pioneer (CDC Doroteia) - Distrito de Pedreira
- Santa Marina Atlético Clube - Distrito da Água Branca
- Subprefeituras

Fontes: Base de dados Portal Geosampa (2021), Google Maps e Informações cedidas pelos clubes.
Elaboração: Alberto Luiz dos Santos (2021)

A partir de uma abordagem *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002),³² buscou-se compreender não só as características e dinâmicas mais gerais do Santa Marina, como o uso das instalações para práticas esportivas e culturais, mas também as percepções, motivações e afetividades dos frequentadores em relação ao clube. Entretanto, ao contrário de uma etnografia clássica, em que um pesquisador tradicionalmente passava longos períodos de tempo dentro de determinado contexto cultural, neste caso, o curto período de duração do trabalho de campo, tornaram necessária a adaptação do método etnográfico para o desenho desta pesquisa. Durante 10 dias, entre os meses de novembro e dezembro de 2021, quatro etnógrafos/as,³³ de forma coletiva e compartilhada, realizaram uma pesquisa de campo que tinha como objetivo explorar as práticas e dinâmicas constitutivas do Santa Marina para compreender as relações estabelecidas entre os diversos atores sociais, e também ao conjunto de categorizações locais, acionadas cotidianamente para fazer referência ao que é vivenciado e praticado no clube, produzindo, assim, sentidos sobre o Santa Marina.

Assim, por meio da etnografia, foi possível acessar, de forma muito direta, suas escolhas e engajamentos nas atividades, suas trajetórias e rotinas, como interagem uns com os outros e como avaliam a importância e significados do Santa Marina em suas vidas, configurando formas específicas de construção identitária e de pertencimento ao clube. Portanto, trata-se de um contexto esportivo, cultural e de lazer que apresenta questões essenciais para pensar os modos de viver a cidade. Por isso, a partir do Santa Marina é possível problematizar a heterogeneidade do próprio contexto urbano em dinâmicas mais ampliadas de construção de vínculos citadinos.

Por fim, os mapas georreferenciados foram elaborados com bases de dados disponibilizadas pelo Portal GeoSampa (Prefeitura Municipal de SP), informações disponibilizadas pelos/as varzeanos/as que contribuíram com a pesquisa e informativos

³² Na abordagem *de perto e de dentro* reproduz-se um dos preceitos clássicos da prática etnográfica, a observação participante, por meio da qual o pesquisador não somente conversa com os diferentes atores sociais, como também observa e participa das atividades realizadas nos períodos de pesquisa. Essa dimensão fina do campo, uma observação distanciada, “de longe e de fora”, não conseguiria apreender. Somente a partir da observação sistemática e da permanência intensiva em campo se desenvolve uma perspectiva de perto e de dentro, “(...) a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se vêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc.” (MAGNANI, 2002, p. 132).

³³ Enrico Spaggiari, Mariana Hangai, Rodrigo Valentim Chiquetto e Yuri Bassichetto Tambucci.

das páginas dos times e clubes nas redes sociais.³⁴ Adotou-se, com recorrência, o critério de localização do bairro de origem dos times e clubes, ou seja, a "quebrada" da metrópole onde se localizam. As quebradas, nesse entendimento, concernem às subdivisões dos Distritos Municipais, mormente denominadas como Vilas e Jardins.³⁵

Para proceder ao georreferenciamento de tais *quebradas*, como, por exemplo, no Mapa 2, a pesquisa tomou como referência o endereço e/ou nomenclatura cedida pelos/as varzeanos, ou seja, um critério de auto-identificação. Por exemplo: Ajax FC da *Vila Rica* ou Grêmio Família 11 do *Jardim Rincão* (o que justifica a expressão "vilas e jardins"). Contudo, muitos times e clubes se auto-identificam pelo nome do próprio Distrito Municipal, por exemplo: Viracopos FC de *Pirituba* ou Danúbio da *Freguesia do Ó*. Nesses casos, na ausência de uma localização precisa da respectiva *quebrada*, adotou-se o critério de identificar os próprios Distritos Municipais, a partir do ponto de localização destes no software de georreferenciamento.

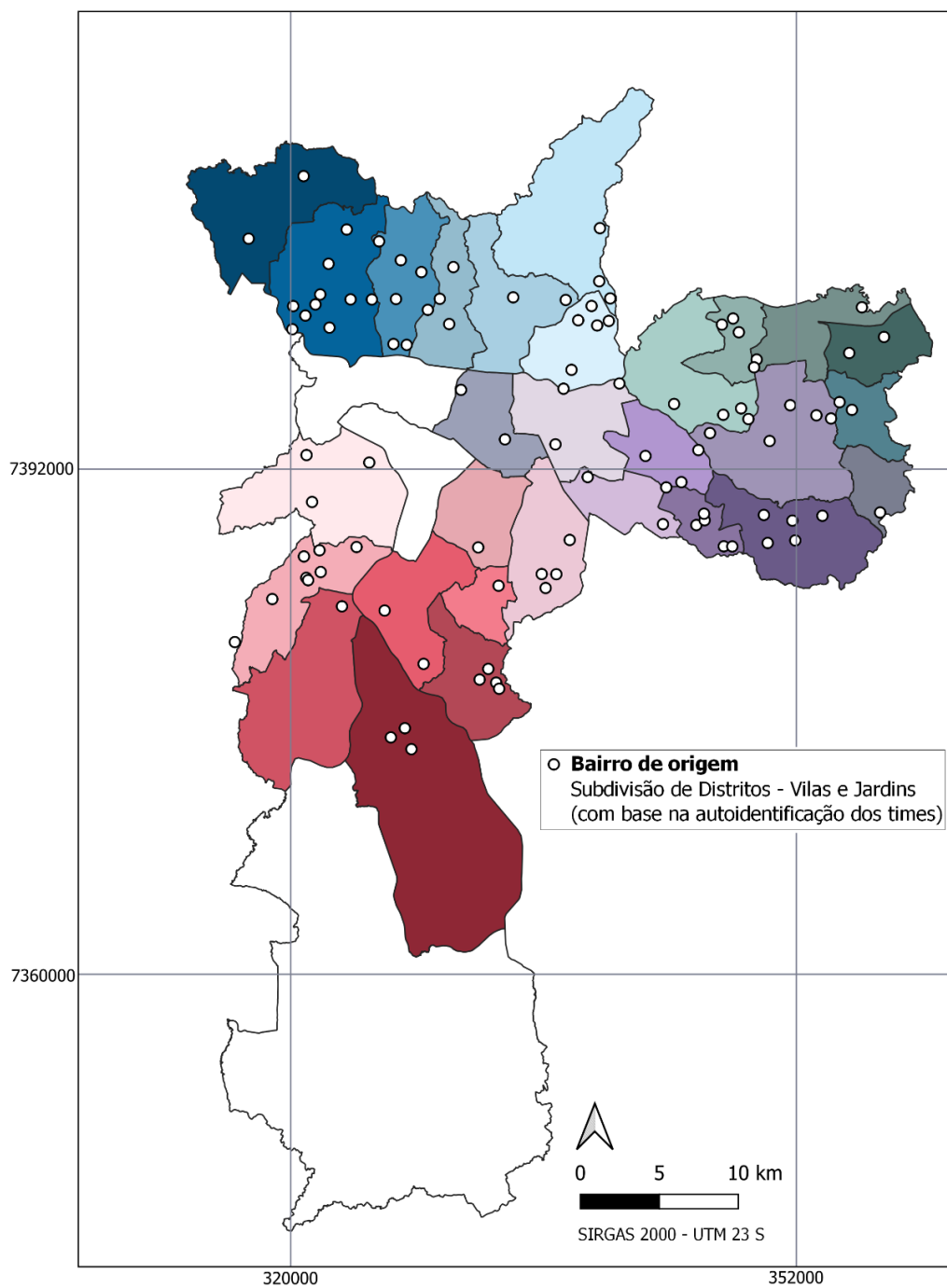
Ademais, ressalta-se que os mapas temáticos relacionados às Copas e aos Festivais, por possuírem quantidade numerosa de participantes, incorreram na sobreposição de times e clubes pertencentes à mesma quebrada. Também foram recorrentes as situações em que parte das equipes pertenciam a outros municípios, tanto da Região Metropolitana de São Paulo quanto do Interior. Nesses casos, tais informações foram suprimidas das representações da capital paulista e, em determinadas situações, acrescentadas em outros mapas temáticos ou legendas. Em suma, em termos quantitativos, as localizações indicadas nos mapas não correspondem

³⁴ Além disso, frente ao contexto de pandemia que se estende desde março de 2020 no Brasil, que levou a alterações na organização das atividades dos clubes sociais e agremiações varzeanas, optou-se por trabalhar, principalmente para os mapeamentos georreferenciados, com dados relativos ao ano de 2019, período anterior à interrupção das práticas cotidianas observada durante o período mais rígido da quarentena. Contudo, algumas situações e dinâmicas puderam ser atualizadas com dados coletados a partir dos contatos travados com interlocutores ao longo de novembro e dezembro de 2021.

³⁵ O entendimento de *quebrada*, mencionado no parágrafo, remete a uma dimensão do território periférico (RAIMUNDO, 2017) a qual o sujeito ou grupo possui vínculo afetivo e identitário, podendo ser dialogada, grosso modo, com o conceito de bairro. Vale destacar a maleabilidade conceitual que a noção de quebrada oferece para pensar a sociabilidade urbana, tanto como referência à particularidade de uma localidade ("a sua quebrada") quanto a uma concepção alargada de periferia. Uma singularização que sintetiza duas noções de quebrada: na primeira valoriza-se o bairro de origem e uma rede de relações mais particular com a qual se identifica; na segunda, há uma ampliação da rede de relações para toda a periferia, sem territorialidade específica, que assume um pertencimento a regiões pobres e periféricas (PEREIRA, 2010).

integralmente às apresentadas nos textos e tabulações do estudo. Contudo, trata-se de condição minoritária e que não compromete a análise possibilitada pelas cartografias.

Mapa 2: Origem das equipes participantes da Copa Martins Neto (2019)



Subprefeituras

- | | | |
|-------------------------------|-------------------------------|-------------------------|
| ■ Sé | ■ São Miguel | ■ Butantã |
| ■ Perus | ■ Itaim Paulista | ■ Ipiranga |
| ■ Pirituba | ■ Guaianases | ■ Vila Mariana |
| ■ Freguesia do Ó/Brasilândia | ■ Cidade Tiradentes | ■ Campo Limpo |
| ■ Casa Verde / Cachoeirinha | ■ São Mateus | ■ Jabaquara |
| ■ Santana / Tucuruvi | ■ Sapopemba | ■ Santo Amaro |
| ■ Jaçanã/Tremembé | ■ Itaquera | ■ M'Boi Mirim |
| ■ Vila Maria / Vila Guilherme | ■ Aricanduva/V.Formosa/Carrão | ■ Cidade Ademar |
| ■ Penha | ■ Vila Prudente | ■ Capela do Socorro |
| ■ Ermelino Matarazzo | ■ Mooca | ■ Demais Subprefeituras |

Fontes: Base de dados Portal Geosampa (2021), Google Maps e Informações cedidas pelos clubes.
Elaboração: Alberto Luiz dos Santos (2021)

A partir destas diferentes metodologias e perspectivas, o estudo reuniu subsídios para a identificação das práticas culturais em São Paulo e análise de processos administrativos de proteção do patrimônio cultural. Para isso, alguns eixos temáticos de análise foram elencados para levantar possíveis caminhos de entendimento e pistas explicativas acerca do arcabouço diversificado de bens, práticas, processos significativos e referências culturais. Tal arcabouço é desenvolvido ao longo de três eixos temáticos, representados pelas Figuras 1 e 2, entrecruzando, então, dinâmicas e exemplos relativos aos pontos nodais.

O primeiro eixo, “Campos”, é responsável por destacar diferentes espaços físicos reconhecidos como “várzea” na cidade de São Paulo que, em comum, oferecem um ou mais campos de futebol como atrativo principal das suas atividades. As escolhas apresentadas compreendem distintas relações de propriedade, gestão e atuação das agremiações esportivas nos locais, como revelam os campos relacionados aos Clubes da Comunidade (CDCs), Centro Esportivos (CEs) e Centros Educacionais Unificados (CEUs). Contudo, a articulação dos campos não se restringe a tais esferas administração pública municipal. Há um longo processo coletivo de apropriação do espaço, seja com campos particulares (dos clubes ou pessoas a ele vinculados) ou com campos em terrenos ocupados pelos grupos sociais locais, desdobramentos do histórico de lutas e de diferentes estratégias de organização política mobilizadas por associações e movimentos organizados para assegurar a permanência desses campos, como revela o caso do Complexo Esportivo Campo de Marte.

O segundo eixo, “Acervos e coleções varzeanas”, apresenta formas e particularidades da representação de memórias e registros de narrativas do futebol varzeano da cidade de São Paulo, expressas por meio de objetos tangíveis e intangíveis, presentes tanto em locais de prática do esporte quanto em acervos particulares e de instituições diversas, como revelam as coleções da Associação Atlética Açucena, do Santa Marina Atlético Clube, do Botafogo de Guaianases, dos clubes do Campo de Marte, do Museu da Várzea Paulo Carioca e do Centro Esportivo Oswaldo Brandão.

Figura 1: Campos, eventos, projetos e práticas culturais



1. Campo da Xurupita - região Norte - 2018 (superior esquerda); 2. Torcedores na “Arena Kaiser” – região Oeste - 2011 (superior direita); 3 e 4. Sociabilidades no CDC Agostinho Vieira - região Norte - 2011 (inferior esquerda e central); 5. Projeto de base da Copa Negritude - região Leste - 2013 (inferior direita). **Fontes:** Santos (2021) e Acervo Museu do Futebol

Figura 2: Acervos varzeanos, eventos, projetos e práticas culturais



1. Torcedores do Inajar de Souza - região Norte - 2011 (superior direita); 2. Coleção AA Açucena - região Norte (superior central); 3. Samba no Festival Preto contra Branco - região Sul (superior direita); 4. Acervo Santa Marina Atlético Clube - região Oeste - 2018 (inferior esquerda); 5. canal de TV Super Copa Pioneer - 2020/2021 (inferior central). 6. Atleta competidora do Maior Festival de Futebol Feminino do Mundo - região Norte - 2021 (inferior direita).

Fontes: Acervo Museu do Futebol, TV Super Pioneer (reprodução) e Cassimano

Por fim, o eixo “Eventos, projetos e práticas culturais” apresenta as principais circunstâncias de encontro imbricadas na experiência do futebol de várzea na cidade de

São Paulo. As escolhas transitam entre os compromissos declaradamente competitivos e esportivos, como os diferentes campeonatos já existentes e em vigência (Super Copa Pioneer, Copa Negritude, Copa Martins Neto, Copa CDC Parque Taipas e Copa Vida Loka), e os festivais esportivos, entre eles, o “Maior Festival de Várzea Feminino do Mundo”, organizado pela Liga Feminina de Futebol Amador. Também foram consideradas outras agendas que caracterizam a ocupação das atividades das agremiações esportivas varzeanas, como os projetos sociais (principalmente escolinhas de futebol para crianças e jovens das quebradas) e diversas práticas culturais (festas, sonoridades, torcidas, resenhas e churrascos).

A iniciativa empreendida nesse estudo, cujo percurso metodológico foi reconstituído até aqui, apresenta um primeiro esforço de seleção de pontos nodais e de eixos temáticos que inevitavelmente deve estar aberta às inúmeras controvérsias desse campo. No entanto, tais escolhas são capazes de traduzir as permanências e efemeridades do fenômeno pesquisado, contribuindo não só para a inferência e reflexão sobre demandas e questões (atuais e futuras) associadas às práticas populares, esportivas e culturais do circuito varzeano paulistano, como também para o delineamento de indicadores plausíveis para a proposição, planejamento e avaliação de processos administrativos de proteção do patrimônio cultural.

DESAFIOS À PRESERVAÇÃO DO FUTEBOL DE VÁRZEA PAULISTANO

Esporte e lazer são direitos. No debate jurídico, perpassam a dimensão do individual, mas são, sobretudo, entendidos como sociais. Apesar de tais enquadramentos, mobilizadores de amplo debate, o que nos move nessa seção é a garantia destes direitos, que constitucionalmente tem como prerrogativa a efetivação de políticas públicas nas respectivas esferas, em consonância com demais áreas, como cultura e educação. Nessa articulação, inserem-se, portanto, as políticas de patrimônio e o sistema normativo de proteção aos bens culturais.³⁶ Pensar o esporte e o lazer

³⁶ Sobre o entendimento polissêmico dos direitos culturais na doutrina jurídica e a importância de posicionar o patrimônio cultural como parte integrante desses direitos, ver Telles (2007). Por sistema normativo de proteção ao patrimônio, nos baseamos em Fonseca (2009), referindo-nos aos tombamentos, registros e planos de salvaguarda, destacadamente, como ações que passam a constituir o acervo de bens patrimonializados a partir da identificação de determinados valores, processo que envolve limitações, contradições e problemáticas, como desenvolve a autora.

enquanto acesso, permanência e ampliação progressiva perpassa reconhecê-los como expressões da cultura, bem como as referências culturais que congregam.

Em suma, urge que as políticas supracitadas sejam complementares, pois assim se desdobram essas práticas, no cotidiano: enquanto teias e entrecruzamentos. Dentre os eixos temáticos da pesquisa em epígrafe, pudemos demonstrar como o jogo de futebol popular, no circuito do futebol de várzea, mobiliza e é mobilizado por múltiplas expressões culturais, cuja distinção é fruto, apenas, de um esforço analítico, uma vez que nos encontros do “mundo da várzea”, consolidam-se reciprocamente.

Sendo os lugares de realização desses arranjos – ou seja, os campos varzeanos – as bases materiais e simbólicas que, uma vez garantidas e permanentes, potencializam a imbricação e realização das referências culturais varzeanas,³⁷ o tombamento de campos de várzea figura, então, como possibilidade relevante de dar fluidez aos direitos e à cidadania, a partir das instituições de proteção ao patrimônio. Contudo, muitos caminhos nos levam a propor possibilidades, para além do tombamento, conforme foi pontuado anteriormente, acerca dos pontos nodais da pesquisa.

Tais pontos, bem como os eixos temáticos elencados no estudo, não apenas revelam a efervescência das referências culturais varzeanas, no sentido de práticas significativas que seguem sendo basilares ao cotidiano de milhares de pessoas, como demarcam especificidades, ou seja, arranjos que estão assentados em cada ponto nodal. Trata-se de uma dialética entre singularidades locais e as premissas de um ser/pertencer à várzea, que possui continuidade e ressonância no circuito varzeano.

Os desdobramentos da pesquisa realizada nos levam a pontuar que o entendimento do futebol de várzea como patrimônio cultural - seja na esfera do sistema normativo, na seara acadêmica ou na organização política dos/as varzeanos/as - prescinde do reconhecimento dessa dialética. Noutros termos, demanda reconhecer a trama dos encontros e sociabilidades que a várzea suscita, atentando-se aos seus conteúdos. Dessa forma, potencializam-se demandas por proteção e salvaguarda – como a que envolve o SMAC – não apenas por suas contingências específicas, mas, sobretudo, pelo modo como elas revelam referências culturais amplas da metrópole, historicamente imbricadas à vida de bairro popular e às quebradas periféricas.

³⁷ Sobre o tema ver Scifoni (2013) e Santos (2021).

Nessa chave, o tombamento de campos varzeanos, como já ocorreu no caso supracitado (SÃO PAULO, 1994) e vem sendo aventado em outras situações, tanto em SP quanto em outras regiões do Brasil³⁸, é uma política multiplicadora deste reconhecimento mútuo de valores culturais atrelados à várzea como um todo.

Ampliando o debate que nossa pesquisa suscitou, ao mobilizarmos o contexto mais recente do histórico de políticas de patrimônio no Brasil, essa totalidade complexa que é a várzea pode ser compreendida, em si, como o bem cultural passível de normativa de proteção. Tratamos do registro como patrimônio imaterial, política dos anos 2000, caudatária de movimentos precedentes nos órgãos de patrimônio e na sociedade civil, que alertaram não apenas para a superação da materialidade como vínculo unívoco que expressa o valor de um bem, mas, sobretudo para a superação de um patrimônio consagrado e representativo da história dos vencedores.³⁹ Nas premissas da política de patrimônio imaterial que, posteriormente, viriam a dialogar de modo frutífero com o conceito de referências culturais, passam a ser valorizados os saberes, formas de expressão, lugares, objetos, celebrações, fazeres coletivos, memórias, identidades, dentre outros elementos gestados pelas culturas populares.⁴⁰

O futebol popular e varzeano de SP nos parece ser expressão representativa destes patrimônios e, como desdobramento da pesquisa, entendemos que seu registro como patrimônio imaterial estaria em consonância com as premissas legais que regem a seara.

Considerando as relações de poder que regem a produção capitalista do espaço urbano, o pacto capital-Estado, bem como a incipiência, morosidade e limitação estrutural que, muitas vezes, permeia as instituições protetivas do patrimônio, reconhecemos também que pensar na instauração das normativas supracitadas – os tombamentos de campos e o registro do futebol varzeano como patrimônio imaterial – é um ensejo que pode soar utópico. São as utopias patrimoniais potencializadoras do patrimônio-territorial, como defende Costa (2017). Utopias desdobradas em

³⁸ Sobre o tema ver São Paulo (1994), Magnani e Morgado (1996), Scifoni (2013), Ribeiro (2021).

³⁹ Em referência às “Teses sobre o conceito de história”, de Walter Benjamin, debatidas por Lowy (2011).

⁴⁰ Dentre diversas normativas, resoluções, eventos e debates que potencializaram a questão do patrimônio imaterial no contexto, destacamos o próprio Decreto 3551, que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e cria o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, além da publicação do Manual “Inventário Nacional de Referências Culturais” (2000) e a publicação “Inventário Participativo de Referências Culturais” (2016), voltada a multiplicação das premissas e metodologias pela anterior.

reivindicações e organizações que muito já contribuíram para o avanço das políticas de patrimônio no Brasil e se converteram em numerosos casos de normativas protetivas de bens representativos das culturais populares.⁴¹ Em suma, utopias necessárias.

Compreendemos, também, que o próprio histórico de tais políticas não nos permite a ilusão de que as normativas serão garantidoras da proteção. Extremamente relevantes como base legal, os textos das resoluções de tombamento e registro explicitam valores que demandam fluidez e reverberação entre as pessoas, no cotidiano. É premente reivindicar que os processos se expandam, de fato, enquanto políticas de patrimônio, o que pressupõe continuidade, revisão contínua, envolvimento e protagonismo dos grupos sociais diretamente relacionados aos bens protegidos. Como nos legou Meneses (2000), os bens culturais não possuem valor em si. Tais valores são múltiplos e avivados pelos grupos sociais em comunhão. O autor também nos alerta para a superação da dicotomia entre patrimônio material e imaterial, pois não há possibilidade do segundo sem o primeiro e a concretude faz pulular um sem número de subjetividades e afetos que constituem a imaterialidade. (MENESES, 2006).

Assim, os desafios à preservação do futebol de várzea de São Paulo demandam, para além das normativas, consolidar estratégias políticas que mobilizem e garantam a fluidez dessa imbricação. Em termos de possibilidades já existentes, na esfera legal, os planos de salvaguarda figuram como o caminho mais frutífero para tanto (TELLES, 2007). Destaque que, nesse caso, o protagonismo de varzeanos e varzeanas se faria imprescindível, como condutores e legitimadores das estratégias aventadas. Assim, enfatizamos que os conteúdos que apresentamos em nossa pesquisa – o histórico de apropriação dos campos, os eventos, as práticas culturais varzeanas e os acervos de memória –, são apenas passos iniciais que apontam tendências, recorrências e rupturas. Como embasamento para políticas vindouras, situam-se no lugar das utopias necessárias e possíveis. Acreditamos que a própria demanda que nos foi proposta - o mapeamento do futebol varzeano de São Paulo (SP), sintetizado na Introdução deste artigo -, é um alento no sentido de sinalizar uma mobilização em prol desta possibilidade.

⁴¹ Sobre o tema ver Santos e Nito (2021).

Nessa chave, cumpre-nos apresentar um destaque da conclusão do referido estudo, que entendemos ser uma entrada frutífera para o complexo percurso de proteção do futebol varzeano de São Paulo (SP). Noutros termos, caminho para a categorização dos patrimônios que concernem à várzea e, nesse sentido, para suscitar ações estruturais, fomentos e normativas de proteção. Trata-se dos clubes sociais (ou de bairro).

Como foi apresentado, em muitos campos varzeanos de São Paulo (SP) existem espaços de vivência e sociabilidade que conformam estruturas clubísticas, com diversas atividades para além daquelas relacionadas ao time de futebol. São situações variadas, desde aquelas em que a criação de tais estruturas foi desdobramento da fundação pretérita de um time (a mais recorrente), incluindo também o inverso, em que clubes de bairro pré-existent, originalmente não voltados ao futebol amador, passam a desdobrar tal atividade, bem como os clubes sociais relacionados a estruturas mediadas pelo poder público municipal, como os Clubes da Comunidade, que vinculam agrupamentos e arranjos de diferentes times varzeanos em seu escopo.

Em sentido amplo (mesmo que não necessariamente vinculados ao futebol amador), os clubes sociais em SP são constituintes do associativismo popular, imigratório e negro, datados do final do século XIX e início do XX, tendo seu esplendor entre as décadas de 1940 e 80. Trata-se de lugares de solidariedade, contenção e cooperação entre famílias, vizinhos e comunidades, pululando nos bairros populares à medida que estes se espraiavam pela cidade se tornando metrópole. Envolvendo pessoas de diversas faixas etárias, eram - e seguem sendo -, frequentados por trabalhadores/as, funcionários/as públicos, pequenos/as comerciantes, pessoas sindicalizadas e vinculadas a associações locais. Podemos apontar que tais clubes surgiram como espaços de vizinhança e comunidade, onde os/as moradores/as foram autorizados a estabelecer relações entre diferentes segmentos sociais, derrubando barreiras que ainda nos dias de hoje são intransponíveis, no sentido dos demarcadores de classe, raça e gênero.

Uma vez garantido, no histórico dessas estruturas, um espaço físico estável como sede, diversas atividades passam a se desdobrar. A ideia de estabilidade aqui mobilizada é fundante, pois, nem sempre, as possibilidades econômicas dos grupos permitem a locação ou aquisição destes espaços. É relevante demarcar, nesse sentido,

as estruturas clubísticas vinculadas aos campos varzeanos que foram, originalmente, gestados a partir de processos de apropriação do espaço e posterior negociação política com o Estado e entes privados, conforme ocorreu em parte dos pontos nodais elencados na seção anterior, destacadamente o Santa Marina Atlético Clube.

Assim, nesses casos vinculados à várzea, uma vez estabelecida a formação do coletivo para jogar e confraternizar, a procura, identificação e fixação de uma sede permitem que atuação dessa agremiação se notabilize como "clube" e, conseqüentemente, não se limite quantitativa e qualitativamente às dinâmicas do futebol. Os clubes passam a agregar atividades extras às suas sedes onde, outrora, funcionavam apenas campo, escritório administrativo, vestiário e geralmente, um bar/lanchonete. Mediante os pontos nodais elencados e outros notabilizados a partir de vivência e pesquisa, podemos elencar que este agregado de atividades extras envolve a prática de danças e bailes, samba, pugilismo, halterofilismo, vôlei, caminhada, futebol de salão, artesanato, xadrez, bocha, carteados dentre outras que exemplificam a variedade de tais associações. Nesses cenários de intensa oferta de atividades num clube, bem como suas agremiações responsáveis, observa-se o aumento sensível da inserção social e a afirmação de compromissos de âmbito macro e micro com o bairro e comunidade.

Deste conjunto de atividades, salientamos um segundo destaque da conclusão da pesquisa em epígrafe: as coleções patrimoniáveis. Conforme verificado em parte dos pontos nodais, nesses espaços é recorrente a criação de acervos. Entre os inúmeros troféus, medalhas e fotografias de diferentes gerações e episódios locais, regionais e nacionais, tais coleções transmitem aos sócios e visitantes a robustez histórica representada por um clube popular e amador. As pessoas e grupos passam a ter orgulho de pertencer, representar, cuidar e compartilhar esses locais. Contudo, a ausência de vínculos institucionais e oficiais de salvaguarda das coleções dos futebolis populares culmina em condições prejudiciais à permanência dessas memórias: desde o despejo e desapropriação, às mudanças de sede gestões, a limpeza e acondicionamento incorreto das memorabilias ou mesmo a exposição dos itens ao ar livre.

Nesse sentido, esses diversos conteúdos dos clubes populares podem ser considerados expressão de uma sociedade ativa que se esforça para exhibir-se à sua maneira na cena pública e resistir a formas acachapantes de representação coletiva em

uma cidade grande ou de uma metrópole. Contrapõem-se ao cotidiano programado para o consumo, à individualização, segregação e diferenciação do espaço urbano metropolitano.

O reconhecimento destes clubes, a permanência de seus espaços, bem como o fomento e publicização de suas atividades, por exemplo, por meio de inventários de suas referências culturais, são ações que de grande alcance e visibilidades para a várzea paulistana em sua totalidade, pois multiplicadoras de um sentimento de valorização dos envolvidos/as, nas centenas destes clubes espalhados pela metrópole.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol enquanto prática de lazer e representante das expressões culturais do Brasil, assumiu visível relevância como tema no debate patrimonial nos últimos anos. Dentro de um quadro mais amplo de reconhecimento e valorização do patrimônio do território da cidade de São Paulo, o futebol de várzea, popular e amador identifica-se com processos culturais presentes no cotidiano das camadas populares e periféricas inerentes à construção das identidades sociais e o direito à cidade.

Ao partirmos dos pressupostos clássicos do patrimônio, o futebol varzeano, de maneira simplificada, enquadra-se em bens materiais que poderiam ser tombados, incluindo as sedes dos clubes, os campos, as medalhas, as taças, os uniformes e toda coleção de acervos históricos. O registro enquanto bem imaterial, manifesto, por exemplo, nas maneiras de praticar esse esporte, são por vezes simplistas, por vezes acachapantes de uma expressão plural e não efetivos. Exposto isso, as tipologias materiais e imateriais, separadas, são insuficientes para identificar, proteger e enaltecer as complexidades e especificidades dessa prática esportiva popular.

Assim, os debates em torno da patrimonialização iniciados através dos pontos nodais explorados nesta pesquisa, sinalizam uma necessidade explícita por incorporar sujeitos e grupos sociais historicamente silenciados, além de aprofundar um aporte teórico e conceitual que seja capaz de suplantar a concepção eurocêntrica de patrimônio, globalmente disseminada. Vale destacar, também, que a revisão do papel e da postura das entidades que têm a finalidade de pesquisar, proteger e promover o

patrimônio nas instâncias municipais, estaduais e federal é uma tendência atual, corajosa e vanguardista.

Portanto, a pesquisa aqui apresentada, mesmo que ainda incipiente, evidencia processos já em curso, promovidos pelas próprias comunidades envolvidas com esses futebóis, que categorizam processo de levantamento documental, institucionalização, divulgação/comunicação das informações a respeito desses bens. Iniciativas que, no entanto, não diminuem ou escanteiam a urgência dos processos de resguardo, salvaguarda e fiscalização que são atribuídos a patrimônios protegidos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, F. M. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

BRASIL RESTAURO. *Inventário Participativo Estação Ferroviária de Campo Grande*. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://irp.cdn-website.com/668431ed/files/uploaded/Dossie%20Final%20Campo%20Grande%20R01.pdf>. Acesso em: abr. 2022

CARLOS, A. F. A. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

DAMO, A. *Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, Arlei. "Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política". *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set./dez. 2018.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo. Contraponto: 1997.

FAVERO, R. P. F. *A várzea é imortal: abnegação, memórias, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FONSECA, M. C. L. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GONÇALVES, G. R. *A crise da cidade em jogo: o futebol na contramão nas ruas da Penha*. 2011. 169f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Inventário Nacional de Referências Culturais: Manual de aplicação*. Brasília, 2000.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Educação Patrimonial: Inventários participativos: Manual de aplicação*. Brasília, 2016.

JESUS, G. M. "Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia". *Geographia*, Niterói, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2002.

KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Editora Ática, 1991.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LOWY, Michael. “‘A contrapelo’. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940)”. *Lutas Sociais*. São Paulo, n.25/26, p.20-28, 2011.

MANENTE, F. C. M. *A moradia popular chegou à Serra da Cantareira*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 17, nº 49, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Os circuitos dos jovens urbanos”. *Tempo social*, São Paulo, v.17, n.2, 2005.

MAGNANI, J. G.; MORGADO, N. “Futebol de várzea também é patrimônio”. *Revista do Patrimônio*, 24: 175-184, 1996.

MASCARENHAS, Gilmar. A goleada do capital sobre a memória coletiva: o “bota abaixo” no patrimônio esportivo. In: DOMINGUES, J. e TELLES, M. (Org.). *Memória, patrimônio cultural e a questão urbana no Rio de Janeiro: contradições, conflitos e desafios*. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital/FAPERJ, 2019.

MENESES, U. T. B. de. *Valor cultural, valor econômico: encontros e desencontros. Seminário Internacional História e Energia*. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico de Energia de São Paulo, p. 29-47, 2000.

MENESES, U. T. B. de. “O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas”. *I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão*. IPHAN, 2009, p 25-41.

MYSKIW, Mauro. *Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre*. 2012. 415 f. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

PEREIRA, S. C. P. *Os loteamentos clandestinos do distrito do Jaraguá (SP): Moradia e especulação*. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. “As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo”. *Lua Nova*, 79, 2010, 143-162.

RAIMUNDO, S. L. *Território, cultura e política: Movimento cultural das periferias, resistência e cidade desejada*. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RIBEIRO, Raphael Rajão. “Futebol amador: história, memória e patrimonialização”. *Simpósio Nacional de História*, p. 1-17, 2017.

RIBEIRO, Raphael R. “Futebol de várzea é patrimônio?”. *Ludopédio*, v.113, 2018. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/futebol-de-varzea-epatrimonio/>.

RIBEIRO, R. R. *A várzea e a metrópole: Futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989)*. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Escola de Ciências Sociais. Centro de Pesquisa e Documentação Histórica. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2021.

RIBEIRO, R. R.; SPAGGIARI, E. *Futebol Popular*. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022. (no prelo)

SÃO PAULO. *Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico*. Processo no. 26.513/1988. Estudo de tombamento do Parque do Povo. 1994.

SANTOS, A. L. *O samba como patrimônio cultural em São Paulo (SP): As batucadas de beira de campo e o futebol de várzea*. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SANTOS, A. L.; NITO, M. K. S. “A experiência da Brasilândia e da Freguesia do Ó (SP) como estratégia de mobilização social na preservação do patrimônio cultural”. In: Hilda Jaqueline de Fraga; Claudira do Socorro Cirino Cardoso; Éverton Reis Quevedo; Véra Lucia Maciel Barroso. (Org.). *Experimentações do patrimônio: diversidades e resistências*. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

SEABRA, O. C. de L. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. 2003. 313. 397 f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCIFONI, S. “Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.21. n.2. p. 125-151, 2013.

SPAGGIARI, Enrico. *Família joga bola: jovens futebolistas na várzea paulistana*. São Paulo: Intermeios/FAPESP, 2016.

TEIXEIRA-DA-SILVA, Rafael H.; SILVA, Silvio Ricardo da. “Futebol: perspectivas de um patrimônio cultural em suspenso”. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 86-104, 2020.

TELLES, M. F. P. “O registro como forma de proteção do patrimônio cultural imaterial”. *Revista CPC*, n. 4, p. 40-71, 1o out. 2007.